

Educação Infantil como lugar de brincar a autonomia e ser feliz

Ana Cristina de Souza Pires Dias

08

Considero meu período de estágio na Educação Infantil em uma escola pública do município de Niterói/RJ um dos meus maiores presentes, pois anteriormente já estagiei na rede estadual no Ensino Fundamental II, Médio e EJA, em Língua Portuguesa. É claro que foi uma experiência gratificante para a minha formação docente, mas hoje, tendo estagiado na Educação Infantil, tenho a certeza de que precisava presenciar como fazer diferente. A educação tradicional ainda é muito presente nas nossas escolas e nela tenho experiência desde minha época de estudante e foi com ela que me deparei nas minhas experiências de estágio em Língua Portuguesa. Sendo assim, desde o começo da licenciatura em Pedagogia tenho me perguntado como fazer diferente, mas nunca consegui chegar a uma resposta.

A experiência que tive na Educação Infantil foi essencial para começar a desenvolver essa resposta, pois a Educação Infantil é, como diz a coordenadora pedagógica da escola onde estagiei, um lugar de ser feliz e a prática pedagógica se constrói com as crianças, com o compartilhar de suas vivências, de seus interesses, nas suas formações como pessoas e também como protagonistas da construção do conhecimento e partícipes da construção do currículo e planejamento. O movimento de construção de conhecimento, de cultura, de currículo é colaborativo: é uma Educação Infantil com crianças e não apenas para crianças. As crianças são, desde pequeninas, pesquisadoras e formadoras de conhecimento e de cultura. Não estão sendo formadas para um futuro, não são um porvir, são pessoas aqui e agora, completas, cheias de potencialidades e possibilidades. Tampouco

estão sendo formadas para o mundo, pois não estão no banco de reservas esperando a entrada triunfal no campo no segundo tempo, estão dentro do mundo desde sempre.

Participei dos encontros online de Gestão da Educação Infantil da escola, que eram realizados às quartas-feiras e também do planejamento semanal do Grupo Verde enquanto durou o período remoto. As reuniões do planejamento eram abertas a todos os estagiários, bolsistas, professoras e professores e diferentes trabalhadores da Instituição, como enfermeira, nutricionista, professores de Arte, Corpo e Cultura (Artes, Educação Física e Capoeira), além do corpo docente de referência e, claro, as coordenadoras pedagógicas. As reuniões, todas, iniciavam com uma proposta de acolhimento da equipe trazida por algum membro, como compartilhamento de música, de texto, de vídeo, com o intuito de causar alguma provocação ou sensibilização. Passado este primeiro momento, a equipe discutia a pauta que era previamente enviada por e-mail pela Coordenação e todos, sem distinções, tinham a oportunidade de compartilhar os seus pensamentos. As tomadas de decisão, portanto, eram realizadas em conjunto pela equipe da Educação Infantil da Instituição e, sendo assim, posso dizer que a escola realmente funciona em uma gestão democrática onde todos têm voz, todos participam, todos se acolhem, são acolhidos e se ajudam. A coordenadora pedagógica sempre diz que a Educação Infantil é um lugar de ser feliz, como já dito anteriormente, e essa sua fala não se dirige apenas às crianças, mas a todas as pessoas que compartilham aquele espaço e tornam a Educação Infantil encantadora como ela é. E eu pude

me sentir acolhida neste espaço, me sentir um pouco pertencente a este lugar nesse curto momento que lá estive, e também pude ser feliz junto com toda a equipe e com as crianças!

Antes de iniciar o relato da minha experiência com as crianças do Grupo Verde, devo pontuar que, com o fim dos encontros online e retorno aos presenciais, fui acolhida no grupo de formação das bolsistas e participei das reuniões de formação todas às quartas-feiras, nas quais, sugerido pelas bolsistas e por mim, discutimos o planejamento da Educação Infantil, a construção de currículo com as crianças e o movimento da criança como pesquisadora e construtora de conhecimento e cultura. Sou muito grata por ter participado dessas reuniões que muito contribuíram com a minha formação enquanto futura professora que, um dia, desejo ser.

Tendo dito estas primeiras palavras, começo a relatar a minha experiência com a Educação Infantil. Estagiei na Educação Infantil junto ao Grupo Verde, que contava com duas professoras de referência e uma mediadora pedagógica. É importante pontuar que a Educação Infantil desta Instituição recebe crianças de 2 a 5/6 anos de idade e aposta na proposta multietária. São 4 grupos, sendo o primeiro, o Grupo Azul, de acolhimento às crianças menores (2 anos) e os demais, Verde, Amarelo e Vermelho, compostos por crianças de idades variadas (3 a 5/6 anos). A minha experiência, como dito anteriormente, foi junto ao Grupo Verde, tanto no modo remoto quanto no presencial.

Iniciei meu estágio no começo de setembro no modo remoto. Os encontros com as crianças aconteciam às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, das 15h às 15h40min.

Cheguei já no meio do período letivo, mas pude acompanhar muito bem os encontros com as crianças. Nesta época que estamos vivendo de pandemia, a aposta dos encontros online era de manutenção de vínculos e de afetos e pude observar que esses encontros cumpriram muito bem essa proposta e, mesmo remotamente, a interação entre as crianças foi bastante rica e elas conseguiram inventar uma maneira de estabelecer esse vínculo e brincar entre si e também com as professoras e mediadora. O possível que foi feito de modo remoto foi surpreendente e, na maioria das vezes, a colaboração das crianças era visível e sua participação sempre foi bastante grande.

Já a minha participação como estagiária foi mais de observação naquele momento online, e se deu, por vezes, junto às brincadeiras, como de contação coletiva de história, de dizer o que tinha na praia/escola/lago e onde se encontrava, etc. Os encontros remotos tiveram passeio em museu de biodiversidade, jogo da memória afetivo, esconde-esconde, confecção de cartões de aniversários para os colegas, música da banana, as crianças também tiveram



(Rodnae Productions/Pexels)

que encontrar os amigos escondidos nas imagens da natureza, teve muito pop-it, conversas e diversões. Teve até audiobook com história do quibungo tererê. Perto do movimento de volta para o presencial, o tema da escola e as lembranças estiveram muito presentes, além de conversas sobre o que iam poder ou não fazer presencialmente na escola.

O retorno ao presencial aconteceu em meados de outubro. Nós, estagiários e bolsistas ficamos na apreensão da espera pela autorização do nosso retorno ao momento presencial, que aconteceu em novembro. Meu primeiro encontro presencial no estágio foi no dia 09 de novembro, uma terça-feira, e pude estar presente em 5 encontros. As terças-feiras ficaram como meu dia de estágio presencial junto ao Grupo Verde, no horário das 13h às 16h. Cheguei, de fininho, bastante tímida e no meu cantinho, sem saber direito o que fazer, o que falar, como agir, como ser junto às crianças. Contudo, consegui, a partir dos demais encontros, ficar mais à vontade junto delas e todos os dias em que estive lá fora, realmente, foram dias de alegria, de muita aprendizagem, de muita troca e bastante empatia.

O que me chamou mais a atenção durante o meu período de estágio foi a grande autonomia das crianças e a liberdade que elas têm naquele espaço, que é tanto delas e se manifesta como delas: não é um espaço de contenção, mas de movimento, de vida. No refeitório, as crianças só não se serviam mais sozinhas devido à pandemia, mas faziam tudo o mais: lavavam as mãos, comiam e retornavam os utensílios na janelinha. A autonomia é sempre prezada no fazer da Educação Infantil desta Ins-

tuição. E, quando deixamos, como as crianças podem! Elas podem muito: são seres completos que apenas precisam de mais ou menos auxílio em alguns momentos e, em outros, são elas que ajudam umas às outras e nos ajudam também.

Assim como elas, somos seres completos, mas todos nós, como diz Paulo Freire (1996), somos inacabados e isso significa que, felizmente, não somos perfeitos e que toda a vida dá-se na beleza da nossa imperfeição, que é justamente o que nos permite nos encantarmos com o mundo, explorá-lo, descobri-lo, inventá-lo e reinventá-lo. E é isso que mais aprendemos com as crianças, ou relembramos com elas: a potência do encantamento com a vida e a felicidade que é descobri-la e desfrutá-la em seu momento presente. É esse encantamento das crianças que quero guardar em mim, recordá-lo e reaprendê-lo sempre que me for preciso. O questionamento que fica, que ainda não sei responder, é como a escola que vem depois secundariza o encantamento com o presente do mundo e nos coloca no banco de reservas para que fiquemos sentados esperando a entrada triunfal neste mesmo mundo que até há pouco vivíamos. Precisamos voltar a viver este mundo no tempo de agora. A escola que vem depois tem muito a aprender com a Educação Infantil e com as crianças. O lugar de ser feliz é o mundo, temos que devolver esse mundo às crianças que se tornam jovens e depois adultas.

Muitas foram as experiências presenciais na Educação Infantil: o acolhimento por uma criança que passou o dia todinho comigo e me chamou de amiga, a diversão das crianças que finalmente puderam brincar livres pelo parquinho e expressar, em movimento, toda a felici-

dade de viver e compartilhar com os amigos o encantamento presente, brincadeira e pintura na lama, chuveirada e toda a alegria de brincar com água, pintura na parede, exposição lúdica de dinossauro, com direito a cocô verdadeiro, fóssil e uma dança divertida com rabo de dinossauro que até a professora participou, passeio pelos arredores, cheio de natureza e o pendurar-se na árvore cabeluda, registro dos momentos do dia em um livro da vida. Em todos esses momentos, pude estar bastante perto das crianças e me aproximar delas o quanto me foi possível. Se conseguisse, gostaria de participar mais ativamente, gostaria de me molhar com elas, de dançar com rabo de dinossauro, de conversar mais e mais. Ainda não consigo isso tudo, mas consigo compartilhar os pequenos momentos com sorrisos e felicidade.

Gostaria, agora, de colocar em palavras um dos momentos do meu período de estágio que me foi marcante: a menor criança do Grupo Verde é uma pequena exploradora de livros, não tem, ainda, muita paciência para parar e ouvir as suas histórias. Gosta de saborear as suas descobertas em quantidades, de folhear uma página e partir para o próximo livro. A biblioteca da escola, assim como o resto do mundo, é um local de encantamento para ela, ávida por exploração, por descobrimentos vários. Contudo, teve um dia em que aconteceu algo de diferente e que lhe despertou uma nova vontade: a de acolher através da contação de história. Uma outra criança chegou mais atrasada no momento que as demais já estavam na biblioteca. Eu estava sentada com a criança que chegou depois e lhe contando uma história de uma cobra que se apaixona por uma corda. A

criança menor não deu tempo para que a amiga buscasse outro livro, foi logo trazendo em suas pequenas mãozinhas um livrinho de um fusquinho rosa. Perguntei se ela queria mostrar o livro para a amiga e ela disse que sim. Pensei que seria eu a ler o livro para as duas, mas estava incrivelmente enganada. Quem quis ser a contadora de história da vez foi a pequena, foi essa a sua maneira de se aproximar e acolher a amiga que chegava, antes mesmo de perguntar o seu nome. E assim foi: passava seus pequenos dedinhos pelas letras e se aventurava a contar a história toda para a amiga, a história de todos os carros que quebravam. A pequena teve paciência, ali, no seu acolhimento e criação de vínculo com a amiga, de acalmar sua avidez por exploração e folhear o livro até o fim, página por página, carro por carro, onde todos se quebravam. Os carros estavam quebrados, mas a contação de história foi uma nova aventura construída em forma de acolhimento e ternura.

E, com este registro, termino o meu Relatório de Experiência de estágio na Educação Infantil. O estágio, infelizmente, chegou ao fim depois de um curto período de tempo: setembro a dezembro de 2021, mas o encantamento que me proporcionou, este sim eu desejo que permaneça para sempre e que acompanhe minha trajetória como a futura docente que desejo ser.

Referência

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.